

A emergência, nas fronteiras entre língua e literatura, de uma perspectiva dialógica de linguagem / *The Emergence of a Dialogic Perspective on Language on the Boundary between Language and Literature*

Beth Brait*

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre alguns aspectos referentes à relação existente entre *língua e literatura, estudos linguísticos e estudos literários* e, mais especificamente, como essa relação se apresenta ao longo do pensamento bakhtiniano, articulando-se diretamente às questões do *diálogo* e do *dialogismo*, as quais atravessam e singularizam os escritos do Círculo. Nesse sentido, é possível constatar que a relação linguística/literatura está discutida, explorada, e problematizada, tanto nas obras assinadas exclusivamente por Mikhail Bakhtin, como também nas que, tendo autoria disputada, iluminam a maneira como outros componentes do Círculo, caso especial de Valentin Volochínov e Pavel Medviédev, pensam essa relação e contribuem para colocá-la como um traço fundamental da percepção da linguagem e da construção de conceitos, noções, categorias que possibilitam seu estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Escritos do Círculo; Estudos linguísticos e estudos literários; Relação linguística e literatura; Diálogo; Dialogismo

ABSTRACT

This text aims to reflect on some aspects of the relationship between language and literature, linguistic studies and literary studies. More specifically, it focuses on the means by which this relationship is present in Bakhtin's thought, being directly connected to issues related to dialogue and dialogism, which traverse and single out the works of the Bakhtin Circle. In this train of thought, it is possible to testify that this relationship between language and literature is discussed, explored and problematized not solely in the works explicitly signed by Mikhail Bakhtin, but also in the ones whose authorship is disputed, for they clarify the way the other members of the Circle, especially Valentin Voloshinov and Pavel Medvedev, conceive this relationship and contribute to make it fundamental to the understanding of language and to the development of concepts, notions, and categories that make language study possible.

KEYWORDS: *Works of the Bakhtin Circle; Linguistic Studies and Literary Studies; Language and Literature; Dialogue; Dialogism*

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, São Paulo, Brasil; CNPq-PQ n°. 303643/2014-5; bbrait@uol.com.br

Neste momento [...] É mais importante para nós conhecermos os estratos superiores da ideologia cotidiana que têm um *caráter criativo*. Nesses estratos superiores acontece o *intercâmbio comunicativo do autor com seus leitores*, que é para nós substancial. Aqui se elabora sua língua comum e sua correlação - para sermos mais precisos, sua orientação recíproca. O autor e o leitor se encontram em um plano extraliterário comum [...] Aqui se criam, se formam e se padronizam seus “mundos interiores”. Aqui, em outras palavras, ocorre o “entrecruzamento” de suas opiniões, de suas ideias, como o entrecruzamento das línguas tribais de que falamos anteriormente.

V. VOLOCHÍNOV¹

Esse procedimento de interpretação convencional de uma enunciação artística como enunciação da vida cotidiana é cientificamente perigoso, e admissível só em casos excepcionais. No entanto, por não dispormos de uma fita magnética gravada que possa transmitir-nos a efetiva transcrição de uma conversação entre pessoas reais, devemos utilizar o material literário tendo sempre presente sua particular natureza artística.

V. VOLOCHÍNOV²

O enorme trabalho do artista com a palavra tem por objetivo final a sua superação, pois o objeto estético cresce na fronteira das palavras, nas fronteiras da língua enquanto tal; mas essa superação do material assume um caráter puramente imanente: o artista libera-se da língua na sua determinação linguística não ao negá-la, *mas graças ao seu aperfeiçoamento imanente*: o artista como que vence a língua graças ao próprio instrumento linguístico e, aperfeiçoando-a linguisticamente, obriga-a a superar a si própria. [...]

A estética da obra literária não deve passar por cima da língua linguística, mas fazer uso de todo o trabalho da linguística para compreender a *técnica* da criação poética a partir de uma compreensão correta do lugar do material na obra de arte, por um lado, e da especificidade do objeto estético, por outro.

M. BAKHTIN³

Nos diálogos e nos monólogos dos personagens romanescos, as linguagens puras do romance submetem-se à mesma tarefa da criação da imagem da língua. [...] O romance não apenas não dispensa a necessidade do conhecimento profundo e sutil da linguagem literária, mas requer, além disso, o conhecimento das linguagens do plurilinguismo. O romance requer uma expansão e aprofundamento do horizonte linguístico, um aguçamento de nossa percepção das diferenciações sócio-linguísticas.

M. BAKHTIN⁴

¹ 2013a, p.152 [1930]).

² 2013b, p.179-180 [1930]).

³ 1988a, p.50-51[1924]).

⁴ 1988b, p.162; 163 [1934-1935]).

Os escritos de Mikhail Bakhtin, somados aos demais trabalhos do Círculo, especialmente os de Valentín Volochínov e Pavel Medviédev, têm oferecido e motivado abundantes e significativas discussões - de caráter filosófico, estético, teórico-literário, linguístico, enunciativo, discursivo, dentre outros – em torno da linguagem em relação direta com a vida, com a sociedade, com a cultura. Sem dúvida, trata-se da construção de uma perspectiva sobre a linguagem e seu estudo que interfere em paradigmas de ensino/aprendizagem, leitura, pesquisa, em diálogo aberto e interdisciplinar entre diferentes Ciências Humanas e suas aplicações.

Neste artigo, o objetivo é refletir sobre alguns aspectos referentes à relação existente entre *língua e literatura*, entre *estudos linguísticos e estudos literários* e, mais especificamente, como essa relação se apresenta ao longo do pensamento bakhtiniano, articulando-se diretamente às questões do *diálogo* e do *dialogismo*, as quais atravessam e singularizam os escritos do Círculo. Nesse sentido, é possível constatar que a relação linguística/literatura está discutida, explorada, e problematizada, tanto nas obras assinadas exclusivamente por Mikhail Bakhtin, como também nas que, tendo autoria disputada, iluminam a maneira como outros componentes do Círculo, caso especial de Valentin Volochínov e Pavel Medviédev, pensam essa relação e contribuem para colocá-la como um traço fundamental da percepção da linguagem e da construção de conceitos, noções, categorias que possibilitam seu estudo.

Ainda que considerada a importância de Pavel Medviédev no que se refere à inter-relação língua-literatura, aspecto que poderia ser constatado em *O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica*⁵, escrito em que as discussões centradas nos estudos literários oferecem importantes elementos, por exemplo, para os estudos contemporâneos de gênero dos discursos, artísticos ou não, aqui a reflexão estará centrada em trabalhos de M. Bakhtin e V. Volochínov, tomando como parâmetro o fato de que, por vezes e aparentemente, esses dois autores polarizam estudos linguísticos (V. Volochínov) e estudos literários (M. Bakhtin).

Desde os primeiros trabalhos desses dois pensadores, observa-se que a relação *língua-literatura* está presente não apenas como dois componentes constitutivos da reflexão em torno da linguagem e de uma nova maneira de abordá-la, mas como parte

⁵ Esse importante texto, publicado pela primeira vez em Leningrado em 1928, e que foi traduzido para várias línguas, ganhou uma excelente tradução para o português (MEDVIÉDEV, 2012), completado por prefácio e notas das tradutoras Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo.

da formação de ambos e do momento em que atuaram como profissionais. Sem a polaridade que caracteriza essas áreas na atualidade, os estudos literários, linguísticos e filosóficos apresentam-se como dimensões que se articulam e se interpenetram, singularizando o pensamento bakhtiniano de forma geral e de forma particular em cada um deles.

Mesmo reconhecendo as diferenças que conferem autoria diferenciada a Volochínov e a Bakhtin, o conceito de linguagem que emana dos trabalhos de cada um tem, dentre outros pontos de contato, a ideia de *diálogo*, no sentido tanto de explorar a linguagem a partir da caracterização das especificidades verbais e extraverbais que envolvem e definem interlocutores em situação de interação presencial, como de um avanço em direção ao *dialogismo*⁶. Ou seja, os trabalhos de ambos se encaminham em direção a um princípio dialógico constitutivo da linguagem, a partir do qual a ideia de interlocutores organizados e situados socialmente implica não somente a interação presencial, face-a-face, mas as variadas e diferenciadas formas e graus de interação eu/outro, de interação polêmica de consciências, de cruzamento de ideias, valores, discursos e/ou ideologias em tensão. E essa característica pode ser observada nos dois pensadores.

Assim sendo, se fosse possível partir de um clichê (hoje bastante enfraquecido pelas descobertas de arquivo e pelos textos de bons pesquisadores), entendendo equivocadamente que Mikhail Bakhtin tratou da literatura, enquanto Valentin Volochínov tratou da língua, que Bakhtin é o filósofo literato e Volochínov o linguista marxista, grandes seriam as surpresas resultantes de um exame mais detido do conjunto das obras de ambos. Ao analisar mais detidamente os escritos de cada um, em autorias disputadas ou não, e mais especificamente no que se refere à relação língua/literatura, linguística/teoria-análise literária, descobre-se que, pela formação intelectual e pelo contexto em que viveram, essas articulações, para ambos, constituem uma via de mão dupla na trilha de um novo caminho de compreensão da linguagem, da construção de uma perspectiva dialógica do discurso.

⁶ Para uma discussão teórica e prática sobre *dialogismo*, consultar Brait e Magalhães (2014).

Bakhtin, língua e literatura em diálogo

No caso de Bakhtin, um primeiro e panorâmico olhar deve voltar-se para dois de seus significativos e reconhecidos trabalhos - *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD) e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Neles, ele tomou a produção desses dois notáveis escritores – Dostoiévski e Rabelais – como mote não para contribuir exclusivamente com os estudos literários, embora o tenha feito de maneira expressiva, mas como lugares éticos e estéticos privilegiados para a observação de maneiras de realização da língua, de sua história, de sua articulação com a vida e com os indivíduos que a constituem e são por ela constituídos. Em ambos, as relações existentes entre os falantes e o uso da língua em diferentes situações sociais, culturais, históricas, em diferentes contextos, em situações limite entre discursos internos e externos que se confrontam, ganham um largo e expressivo espaço. Em cada uma das obras, a maneira como a ficção encara e mostra a vida permite que as línguas sejam surpreendidas, reveladas, estudadas naquilo que têm de *identidade* e, ao mesmo tempo, de *alteridade*, de variação, de riqueza e vitalidade no uso.

Nessa perspectiva, a questão do *diálogo* e do *dialogismo* ganha importância, em PPD, num dos inúmeros trechos que poderiam ser citados, como exemplo dessa forma de interligar língua e literatura, estudos literários e estudos linguísticos:

De fato, o caráter essencialmente dialógico em Dostoiévski não se esgota, em hipótese alguma, nos diálogos externos composicionalmente expressos, levados a cabo pelas suas personagens. *O romance polifônico é inteiramente dialógico*. Há relações dialógicas entre todos os elementos da estrutura romanesca, ou seja, eles estão em oposição como contraponto. As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância.

Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo (BAKHTIN, 2013, p.47, com destaques em itálico do autor).

Ou, ainda, a questão das diferentes linguagens captadas e trazidas por Rabelais em sua obra e que Bakhtin assim resume em um determinado trecho de *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*:

Discursos especiais ressoavam na praça pública: a linguagem *familiar*, que formava quase uma língua especial, inutilizável em outro lugar, nitidamente diferenciada da usada pela igreja, pela corte, tribunais, instituições públicas, pela literatura oficial, da língua falada pelas classes dominantes (aristocracia, nobreza, alto e médio clero, aristocracia burguesa), embora o vocabulário da praça pública aí irrompesse de vez em quando, sob certas condições. [...]. Rabelais conhecia muito bem a vida do chão de feira (1987, p.133, com destaque em itálico do autor).

Esses aspectos que caracterizam a relação língua-literatura e, portanto, estudos de língua e de literatura são explícitos e essenciais no percurso de Bakhtin e sua concepção dialógica de linguagem. Além dos dois acima destacados, muitos outros trabalhos oferecem exemplos, como é o caso de O discurso no romance, presente na coletânea *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (BAKHTIN, 1988b) e nos subitens que o compõem, caso de A estilística contemporânea e o romance (BAKHTIN, 1988b, p.72-84), O discurso na poesia e o discurso no romance (BAKHTIN, 1988b, p.85-106) e O plurilinguismo no romance (BAKHTIN, 1988 b, p.107-133). Nesse importante estudo, datado de 1934-1935, o autor apresenta e discute conceitos que são caros tanto à análise da linguagem literária quanto à da linguagem cotidiana, partindo justamente de sua articulação na produção literária e de seu funcionamento na linguagem do dia-a-dia.

Esse é o caso, por exemplo, dos conceitos de *forças centrípetas* da língua, que são as que Bakhtin denomina as forças da unificação e da centralização verbo-ideológica (BAKHTIN, 1988b, p.82), as quais caminham juntamente com as *forças centrífugas*, ou seja, aquelas que constituem os processos de descentralização e *desunificação* da língua. Esses dois conceitos, extremamente importantes e úteis até hoje para a compreensão da linguagem em uso e pela maneira como ela penetra a literatura, estão diretamente associados a *plurilinguismo*, *pluridiscorso*, *pluridiscursividade*, significando conjunto de línguas diferentes que formam uma língua

e, também, conjunto de linguagens diferentes que compõem o discurso do prosador-romancista⁷.

Aqui também podemos citar duas passagens em que a reflexão é explícita:

A unidade da linguagem literária não é a de um sistema linguístico uno e fechado, mas sim a unidade profundamente peculiar das “linguagens” que entram em contato e que se reconhecem umas às outras (uma delas sendo a linguagem poética, em sentido restrito) (BAKHTIN, 1988b, p.101).

[...] a consciência linguística literariamente ativa descobre uma pluridiscursividade ainda mais multiforme e profunda, tanto na sua própria linguagem literária quanto fora dela (BAKHTIN, 1988b, p.103).

É necessário fazer referência a mais um trabalho que também está presente em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trata-se do texto O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária (BAKHTIN, 1988b, p.13-70). Nesse importante estudo, datado de 1924, como o próprio título indica, o autor vai discutir as relações existentes entre conteúdo, material e forma na literatura, numa tentativa, como ele explica, de “análise metodológica dos principais conceitos e problemas da poética, a partir de uma estética sistemática e geral” (BAKHTIN, 1988a, p.13). Para efetuar essa discussão, como faz em vários de seus trabalhos posteriores, situa o estado da arte da questão e estabelece alguns interlocutores, dialogando de maneira mais ou menos polêmica com eles. No item em que discute O problema do material, considerando que o material da arte literária é a palavra, a língua, o verbal, obrigatoriamente ele se defronta com a linguística, com seu desenvolvimento naquele início dos anos 1920, e com a maneira como ela tratava seu objeto, ou seja, a língua.

Ainda que de uma forma polêmica, reconhece a importância da linguística e faz algumas perguntas em relação ao *material* da arte literária:

Mas será que nos cabe perceber a palavra no objeto artístico precisamente em sua determinação linguística? Será que devemos perceber a forma morfológica da palavra como precisamente morfológica, sintática e a série semântica como precisamente semântica? Será que devemos perceber um conjunto poético na contemplação artística como um todo verbal, e não como um conjunto

⁷ Ver nota dos tradutores Aurora F. Bernardini et al., esclarecendo os termos *pluridiscorso*, *pluridiscursividade* na passagem da forma russa para o português (BAKHTIN, 1988b, p.107).

acabado de um acontecimento qualquer, de aspiração qualquer, de uma tensão interior, etc.? (BAKHTIN, 1988a, p.49, com destaques em itálico do autor).

E para responder a essas perguntas, que estabelecem e discutem de maneira explícita e aprofundada algumas das relações existentes entre língua/literatura, estudos linguísticos/estudos literários, questões que sem dúvida estavam presentes no contexto reflexivo vivido por Bakhtin e pelos demais componentes do Círculo, isto é, a linguística e a teoria literária praticadas na Rússia naquele momento, o autor se posiciona de maneira filosófico-discursiva. Dois trechos podem ser citados como exemplo de suas respostas, ambos destacados como epígrafes deste artigo:

O enorme trabalho do artista com a palavra tem por objetivo final a sua superação, pois o objeto estético cresce na fronteira das palavras, nas fronteiras da língua enquanto tal; mas essa superação do material assume um caráter puramente imanente: o artista libera-se da língua na sua determinação linguística não ao negá-la, *mas graças ao seu aperfeiçoamento imanente*: o artista como que vence a língua graças ao próprio instrumento linguístico e, aperfeiçoando-a linguisticamente, obriga-a a superar a si própria.

[...]

A estética da obra literária não deve passar por cima da língua linguística, mas fazer uso de todo o trabalho da linguística para compreender a técnica da criação poética a partir de uma compreensão correta do lugar do material na obra de arte, por um lado, e da especificidade do objeto estético, por outro (BAKHTIN, 1988a, p.50-51, com destaques em itálico do autor).

Essas respostas, sem dúvida, demonstram a necessidade de Bakhtin voltar o olhar para a língua e para a maneira como estava sendo estudada pela Linguística, a fim de demonstrar que o tratamento do material verbal realizado pela literatura, sem desconsiderar os avanços linguísticos, teria de priorizar as especificidades do verbal, concretizadas a partir do tratamento artístico. Da mesma forma, Bakhtin considera que o artista ao se defrontar com o verbal não o faz como falante, com o intuito de unicamente comunicar-se, mas lidando com a palavra de forma especial. E nisso residem alguns dos aspectos que articulam língua/literatura, suas proximidades e suas tensões, no pensamento bakhtiniano.

Para finalizar essa rápida incursão na perspectiva dialógica ou filosófico-discursiva de Bakhtin, com destaque para alguns dos trabalhos que revelam as fronteiras entre *estudos linguísticos* e *estudos literários*, um último exemplo pode ser apresentado:

Nos diálogos e nos monólogos dos personagens romanescos, as linguagens puras do romance submetem-se à mesma tarefa da criação da imagem da língua. [...] O romance não apenas não dispensa a necessidade do conhecimento profundo e sutil da linguagem literária, mas requer, além disso, o conhecimento das linguagens do plurilinguismo. O romance requer uma expansão e aprofundamento do horizonte linguístico, um aguçamento de nossa percepção das diferenciações socioideológicas (BAKHTIN, 1988b, p.162; 163).

Valentín Volochínov: dialógica relação entre língua e literatura

De algum modo, a referência a textos assinados exclusivamente M. Bakhtin, como aconteceu no item anterior, parece levar à ideia de que as relações existentes entre língua e literatura, linguística e estudos de estética e de literatura são um tanto mais claras, evidentes, do que quando o objeto de análise são os trabalhos de Valentin Volochínov. Entretanto, apesar de o autor de *Marxismo e filosofia da linguagem (MFL)* não ter se dedicado a estudar escritores, como o fez Bakhtin, seus escritos demonstram que, também nele, a compreensão de fenômenos linguísticos/discursivos tem como um dos pontos de partida a literatura e como uma das consequências dessa articulação a construção de uma teoria do *diálogo*⁸ que avança para o *dialogismo*.

Dada a constitutiva participação do *diálogo* na relação sujeito/linguagem, esse conceito alcança, tanto em Bakhtin como em Volochínov, a condição de *dialogismo*, indo além da estrutura que define a interação verbal entre interlocutores em presença. Volochínov, sem dúvida, traz para o estudo da linguagem a possibilidade de olhar a língua em uso, quer ela assuma condição de literatura ou a de comunicação cotidiana, aspecto que pode ser confirmado no clássico *MFL*, e em um conjunto de artigos publicados em 1930, com traduções para o inglês, italiano, espanhol e também para o português (VOLOCHÍNOV, 2013). As versões utilizadas neste texto, especialmente em citações de trechos, são as que foram reunidas na edição brasileira (VOLOCHÍNOV,

⁸ Há inúmeros estudos que indicam o interesse desse pensador pelo diálogo, assim como suas relações com estudiosos que também observaram esse mecanismo de linguagem antes deles. Remeto aqui a Brait (2013), que inclui significativa bibliografia a respeito do assunto.

2013a; 2013b; 2013c). Estão indicadas, nas referências, as demais versões dos artigos, na medida em que foram utilizadas anteriormente, constituindo importante fonte de pesquisa quando os textos ainda não tinham adquirido forma em português.

Os artigos escolhidos são importantíssimos para a concepção dialógica da linguagem. Publicados um pouco depois da obra *MFL*, cada um deles, assim como sua reunião, oferece elementos fundamentais para se compreender: a) a concepção de *linguagem* de Volochínov, em consonância com o restante dos membros do Círculo; b) sua perspectiva a respeito da estrutura do enunciado; c) sua percepção do valor social da palavra; d) sua visão social e ideológica dos fenômenos humanos reunidos na linguagem. Para este trabalho, o destaque vai para a forma como língua e literatura, estudos linguísticos e estudos literários estão aí articulados.

No primeiro artigo, *Que é a linguagem* (VOLOCHÍNOV, 2013a), logo no primeiro item, intitulado *A origem da linguagem*, o autor afirma que o escritor trabalha com elementos linguísticos que ele encontra preparados, estando ciente de todas as regras e leis que não podem ser transgredidas. E pergunta-se se o escritor não poderia inventar novas regras. Para responder, dá o exemplo de poetas que pouco antes da Revolução de 1917 tentaram inventar uma nova língua e que a única coisa que conseguiram, na opinião dele, foi entrar para a história como piada. Essa é a motivação para ele afirmar o propósito maior do artigo: [...] “é necessário compreender *que é linguagem*, este material tão característico e particular da criatividade artística” (2013a, p.133, com destaques em itálico do autor).

O que se observa é que, embora o objeto do artigo todo seja a linguagem, enquanto concepção e objeto de estudo, a motivação para escrevê-lo está dada a partir da criatividade artística, ou melhor, da relação existente entre a linguagem cotidiana e a linguagem artística. Depois de discorrer sobre vários aspectos da linguagem, incluindo as relações com vida e classe social, consciência, sensação e expressão, ideologia cotidiana, chega ao item denominado *A criação artística e a linguagem interior* (VOLOCHÍNOV, 2013a, p.152-155).

Para compreender esse momento da reflexão, é preciso voltar a atenção para a maneira como ele vai definir *ideologia cotidiana*. No item *A ideologia cotidiana* (VOLOCHÍNOV, 2013a, p.151-152), que antecede *A criação artística e a linguagem interior*, encontra-se um dos momentos fundamentais para o entendimento da relação

existente entre língua e literatura, na perspectiva do autor de *MFL*. Nele, Volochínov afirma:

Estabeleçamos o acordo de chamar de ideologia cotidiana a todo conjunto de sensações cotidianas - que refletem e refratam a realidade social objetiva – e as expressões exteriores imediatamente a elas ligadas. [...] do oceano instável e mutável da ideologia afloram, nascem gradualmente as inumeráveis ilhas e continentes dos sistemas ideológicos: a ciência, a arte, a filosofia, as teorias políticas. [...] Não se creia que a ideologia do cotidiano seja uma coisa inteira, monolítica, uniforme em todas as suas partes. Nela devemos distinguir uma série completa de estratos [...] (2013a, p.151-152).

E prossegue, de forma coerente com tudo que foi dito ao longo do artigo, justificando, a partir das considerações em torno da ideologia do cotidiano e dos *sistemas ideológicos* que dela afloram, sua opção no sentido de definir linguagem:

Neste momento [...] É mais importante para nós conhecermos os estratos superiores da ideologia cotidiana que têm um *caráter criativo*. Nesses estratos superiores acontece o *intercâmbio comunicativo do autor com seus leitores*, que é para nós substancial. Aqui se elabora sua língua comum e sua correlação - para sermos mais precisos, sua orientação recíproca. O autor e o leitor se encontram em um plano extraliterário comum [...] Aqui se criam, se formam e se padronizam seus “mundos interiores”. Aqui, em outras palavras, ocorre o “entrecruzamento” de suas opiniões, de suas ideias, como o entrecruzamento das línguas tribais de que falamos anteriormente (VOLOCHÍNOV, 2013a, p.152, com destaques em itálico do autor).

Essas importantes reflexões, destacadas como uma das epígrafes deste artigo, demonstram a consciência do autor em relação a seu objeto de estudo – a linguagem – e seus quase que didáticos esclarecimentos sobre o caminho que irá trilhar para chegar às suas metas. Depois dessas considerações, desenvolve, então, o item A criação artística e a linguagem interior, apresentando o que denomina “o caminho percorrido pela criação artística” (VOLOCHÍNOV, 2013a, p.154), resumindo-o a três etapas (estágios). Na primeira, que seria a “passagem da sensação, como expressão interior, à enunciação/enunciado realizada exteriormente” (p.154), ele considera como o primeiro estágio da criação ideológica e, no caso em estudo, da criação literária, na medida em que essa enunciação leva em conta um ouvinte potencial, que é justamente um

“participante” desse acontecimento, elemento provocador da passagem da expressão interior à exterior.

Na segunda etapa (estágio), que é o da realização, “a forma cotidiana se torna um *produto ideológico*, uma obra no sentido preciso do termo” (p.154, com destaques em itálico do autor). Ou seja, o “ouvinte efetivo, realmente existente [...] passa a ser considerado como representante de uma massa organizada de leitores” (p.154). Ele considera que o momento mais importante dessa segunda etapa é “o domínio do material, sua transformação em objeto de arte – estátua, quadro, sinfonia, poema, romance, etc.” (p.154). Entretanto, para falar da literatura, do material literário que já examinou, afirma que o segundo estágio se encontra “muito próximo do estágio precedente” (p.154), considerando-se que, no caso da literatura, “a linguagem é tanto o material como o instrumento de criação” (p.154).

No que denomina terceiro e último estágio, afirma que acontece a transformação técnica da forma material: “A obra deve assumir uma orientação frente à redação, à casa editorial, à tipografia, ao mercado de livros, etc.” (p.154-155). Com esse artigo e suas conclusões bastante atuais, o autor discorre sobre a natureza e a estrutura social da linguagem, considerando a expressão linguística como estando sempre *orientada para o outro*, evidenciando a relação constitutiva língua/literatura, linguística-literatura. É uma reflexão teórica, por assim dizer, que não evoca exemplos, que não se utiliza de trechos literários, mas que discute essa relação com clareza, com princípios definidores do que considera linguagem.

Essa reflexão tem continuidade em outro artigo que, dependendo da tradução, intitula-se: A construção da enunciação, A estrutura do enunciado ou A estrutura da enunciação. Embora na tradução brasileira, muito apropriadamente, o título seja A construção da enunciação, a utilização algumas vezes do termo *enunciado*, neste trabalho, deve-se ao fato de que ele é mais frequente na atualidade, englobando a ideia de enunciação, fundamental para uma teoria/análise do discurso como deve ser considerada a perspectiva dialógica para a qual trabalham tanto Bakhtin quanto Volochínov.

O autor inicia esse segundo artigo remetendo a Que é a linguagem, fazendo um resumo rápido de seus principais aspectos, com o intuito de afirmar: “Tudo isso [ou seja, o que aparece no artigo anterior] nos dá a possibilidade de dar uma definição

conclusiva de linguagem e passar a um exame mais detalhado da enunciação na vida cotidiana; e, depois, da enunciação literária” (VOLOCHÍNOV, 2013b, p.157). Novamente, a linguagem cotidiana é objeto de investigação para que o autor possa definir o que é o enunciado, o que é a *enunciação*, e chegar à linguagem literária. Com esses objetivos, vai introduzir e definir os aspectos verbais e os extraverbais (subentendidos) do enunciado, seus participantes, o auditório, os gêneros, enquanto tipos de intercâmbios comunicativos, o discurso monológico e o discurso dialógico, a dialogicidade da linguagem interior, a orientação social da enunciação e sua forma, a entonação, a escolha e a disposição das palavras, dentre outros aspectos. Como se pode observar por essa enumeração, trata-se de um estudo fundamental para o conhecimento de uma concepção dialógica da linguagem.

O destaque aqui acontece em relação a dois momentos em que a literatura aparece com a finalidade de demonstrar a concepção de enunciado de Volochínov. Primeiramente, no item 4, intitulado A orientação social da enunciação, em que Volochínov, afirmando que todo discurso é *dialógico* (palavra que ele destaca em itálico), que é dirigido a outra pessoa, à sua compreensão e a sua efetiva ou potencial resposta, lança mão do discurso literário para construir seu raciocínio em torno dessa afirmação. Refere-se, ainda que rapidamente, ao comportamento de personagens de *Almas mortas*, de Gógol (2008).

Essa estratégia de explicitação da dimensão dialógica dos discursos tem continuidade no item 6, intitulado A situação e a forma da enunciação; a entonação, a escolha e a disposição das palavras. Nessa etapa do trabalho, ele vai transcrever vários trechos de *Almas mortas* - Parte 1, Cap. III, p.81-82; Cap. VI, p.157-158 (GÓGOL, 2008) que, segundo ele, servem para demonstrar tudo que ele está tentando teorizar sobre o enunciado, sua estrutura, sua relação com a situação, com a condição social dos participantes, seu estilo, aí incluída a escolha das palavras, o ritmo, a entonação.

Com essas transcrições, chama a atenção de seu leitor, por exemplo, para a maneira como Gógol “pintou com enorme agudeza a mudança brusca da entonação correspondente à mudança de situação e de auditório da enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2013b, p.176), que pode ser percebido na conversação destacada por ele no primeiro trecho citado. Indica que esse aspecto, fundamental para a compreensão do enunciado, está expresso não somente pela voz, mas pelo corpo todo da pessoa/personagem, ao

mesmo tempo em que interliga esse aspecto com o contexto russo e com a desigualdade social.

E esse trecho permite que ele defina a entonação como “sobretudo a expressão da *valoração* da situação e do auditório” (p.176-177, com destaque em itálico do autor). Portanto, ele se utiliza da conversação representada em um trecho de *Almas mortas* para demonstrar o que é o dialogismo, assumindo de fato uma perspectiva discursiva.

No segundo trecho transcrito, encontra os elementos para demonstrar que se trata de

[...] uma representação precisa do processo de escolha da palavra mais adequada à correlação social existente entre o falante e o ouvinte, palavra que leva em conta minuciosa e precisamente todos os detalhes da pessoa [persona] social do interlocutor, sua posição econômica, sua classe, sua posição social, etc. (p.177).

E comenta que “na consciência de Tchítchicov [personagem] trava-se uma luta entre algumas palavras, aquelas consideradas mais adequadas” (p.177) mas que, “depois de haver – se orientado perfeitamente nesta situação, de havê-la compreendido e avaliado corretamente [...] encontrou também a entonação adequada e as palavras correspondentes a ela” (p.178). Constata-se que é na literatura russa que Volochínov vai buscar uma forma de esclarecer o complexo conceito de entonação, de valoração. E para explicar o que denomina Estilística da enunciação da vida cotidiana, recorre à mesma obra, aos mesmos personagens, discutindo como se dá num intercurso verbal não apenas a escolha das palavras, mas também sua particular disposição para atingir os objetivos em relação ao interlocutor.

No terceiro trecho de *Almas mortas* citado nesse artigo, Volochínov observa que

a própria disposição [das palavras] deveria ser particular, de modo tal que desse ao discurso um fluxo regular, rítmico, uma certa musicalidade e poesia. Não era suficiente expor com clareza e singeleza o próprio pensamento: era necessário embelezá-lo com comparações, reavivá-lo com torneios de palavras especiais, torná-lo quase uma obra artística, fazê-lo quase em versos (2013b, p.178).

Ao empreender a análise da enunciação cotidiana a partir da literatura, Volochínov se dá conta de que, como estudioso da linguagem cotidiana e não da

literatura, empenhado em descrever *a construção da enunciação*, deve uma explicação a seu leitor. Afinal, ele está falando da língua literária, de personagens que representam pessoas em determinadas situações e não de situações cotidianas de uso da língua. Consciente dessa situação, ele faz a seguinte afirmação, que também serve de epígrafe a este trabalho:

Esse procedimento de interpretação convencional de uma enunciação artística como enunciação da vida cotidiana é cientificamente perigoso, e admissível só em casos excepcionais. No entanto, por não dispormos de uma fita magnética gravada que possa transmitir-nos a efetiva transcrição de uma conversação entre pessoas reais, devemos utilizar o material literário tendo sempre presente sua particular natureza artística (VOLOCHÍNOV, 2013, p.179-180).

Tendo feito essa consideração, o autor passa a analisar detidamente a conversação representada em *Almas mortas*, tirando dela importantes considerações sobre a estrutura da enunciação, considerando e aprofundando, além dos aspectos já mencionados, a ideia de que a relação social existente entre as personagens, entre os interlocutores, determina o estilo dos discursos. Assim sendo, é possível afirmar que é pela literatura que Volochínov explicita uma série de conceitos que dialogam de forma esclarecedora com aqueles que estão trabalhados em sua obra *MFL*. Nessa obra, especialmente na terceira parte, intitulada Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas: tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos, Volochínov também recorre à literatura, tanto para discutir o narrador, como para caracterizar discurso indireto, direto e suas variantes. Assim, Gógol, Dostoiévski, Andriéi Bieli, Sologub, Turguiéniev, Tolstói são fortes argumentos para suas posições diante da linguagem.

Em A palavra e sua função social (VOLOCHÍNOV, 2013c), terceiro artigo aqui escolhido, o autor inicia sua reflexão referindo-se às conclusões que ele pode tirar da análise da construção do enunciado de personagens de *Almas mortas*, ou seja:

que o colorido estilístico da enunciação de Tchítchikov, como de resto qualquer outra enunciação, não é de fato determinado somente pela intenção psicológica individual, pelas “sensações”. Vimos que o conjunto *todo*, das condições de uma dada situação e de um dado auditório (e em particular a distância sócio-hierárquica existente entre os falantes) determina toda a construção da enunciação, ou seja, o

sentido geral da intervenção linguística de Tchitchikov, o tema e a entonação, a escolha das palavras e a sua disposição nessa intervenção (VOLOCHÍNOV, 2013c, p.189, com destaques em itálico do autor).

De fato, é um artigo em que Volochínov aprofunda a ideia de que “*a orientação social da enunciação tem um papel decisivo para a construção da estrutura estilística*” (2013c, p.190, com destaques em itálico do autor), centrando sua exposição nas relações entre ideologia, classe e estrutura da enunciação, ou, ainda, na palavra como signo ideológico e nas relações entre signo e classe, sublinhando que as palavras estão sempre acompanhadas por diferentes avaliações, entonações, dependendo de quem as enuncia. Ele menciona rapidamente Maiakovski (p.199) e toma como exemplo, para apresentar suas ideias, mais um trabalho ficcional: o romance *Envy* [*Inveja*], de Yuri Olyesha, publicado em 1927, que, segundo ele, “é particularmente apta ao nosso objetivo [...], em função do estilo cáustico que caracteriza fortemente a orientação social das enunciações das personagens” (VOLOCHÍNOV, 2013c, p.201).

A temática do romance por ele escolhido é o contraste entre a ordem antiga e a ordem nova, o individualismo e o coletivismo na Rússia Soviética. Volochínov, antes de analisar detalhadamente duas falas dos protagonistas para demonstrar os discursos contemporâneos que caracterizam diferentes ideologias e determinam as diversificadas construções dos enunciados desses protagonistas, faz uma ressalva semelhante à feita no artigo a respeito da construção do enunciado:

Os exemplos que vamos reportar são duas intervenções linguísticas que tratam do mesmo tema; são obviamente sucedâneos de enunciações da vida cotidiana como eram as enunciações de Tchitchikov utilizadas no ensaio anterior.

Ainda dessa vez, depois das reservas feitas, suponhamos que esses dois trechos não foram retirados de um romance, mas de uma transcrição estenográfica das enunciações de duas personagens realmente existentes: Nikolai Kavalero e Ivan Babitchev.

Ambos falando da mesma pessoa, Andrei Babichev, diretor de um consórcio da indústria alimentícia, partidário entusiasta de uma alimentação gostosa e econômica para as massas (2013c, p.201).

E, a partir daí, vai trabalhando e esmiuçando, por meio da citação de longos trechos, a estilística das enunciações colhidas em *Envy* [*Inveja*], de Yuri Olesha, explicitando as diferenças de estilo a que estão e estariam sujeitas as enunciações

conforme enunciadas por enunciadores de diferentes posições sociais e ideológicas. Nesse percurso, Volochínov vai mostrar que:

Cada uma destas enunciações é expressão de um agrupamento de classe específico, cuja ideologia condicionou não só a diferença na maneira de ver um mesmo acontecimento, mas também diferença da estrutura estilística (2013c, p.205).

Para concluir essa maneira de auscultar alguns expressivos trabalhos de M. Bakhtin e de V. Volochínov, destacando a relação língua e literatura aí presente, é possível dizer que a questão de uma *estilística do enunciado*, quer cotidiano, quer artístico, assume grande importância no conjunto dessas reflexões a partir dessa articulação. Nesse sentido, *língua e literatura* aparecem, no tecido da concepção dialógica, não como elementos fortuitos, ou presentes somente em reflexões de Bakhtin, mas como um dos vetores fundantes dessa nova perspectiva da linguagem humana e de suas possibilidades de estudo, em debate e em multiplicação até a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. (Revista). Rio de Janeiro: Forense, 2013.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____ *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1988a, p.13-70.

_____. O discurso no romance. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1988b, p.71-210.

_____. Rabelais e Gógol (arte do discurso e cultura cômica popular). In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1988c, p.429-439.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UNB, 1987.

BAKHTIN (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRAIT, B. Tradição, permanência e subversão de conceitos nos estudos da linguagem. *Revista da ANPOLL* (Online), v. 1, p.91-121, 2013.

BRAIT, B. e MAGALHÃES, A. S. (org.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014.

_____. (org.). Uma palavra sobre dialogismo. In: *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014, p.13-15.

GÓGOL, N. *Almas mortas*: Poema. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários*: Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLOCHÍNOV, V. N. (Do Círculo de Bakhtin). *A construção da enunciação e outros ensaios*. Org., Trad., Notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. Que é a linguagem. In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. Org., Trad., Notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013a, p.131-156. [1930]

_____. A construção da enunciação. In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. Org., Trad., Notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b, p.157-188. [1930]

_____. A palavra e suas funções sociais. In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. Org., Trad., Notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013c, p.189-212. [1930]

_____. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. Org., Trad., Notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013d, p.213-249. [1930]

VOLOŠINOV, V. N. *Marxisme et philosophe du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges, France: Lambert-Lucas, 2010.

_____. Qu'est-ce que la langue et le langage. *Marxisme et philosophe du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges, France: Lambert-Lucas, 2010, p.519-566.

VOLOŠINOV, Valentin N. /BACHTIN, Michail. *Il linguaggio come pratica sociale*. Trad. Rita Bruzzese e Nicoletta Marcialis, a cura di Augusto Ponzio. Bari: Dedalo Libri, 1980.

VOLOŠINOV, V. N. Che cos'è il linguaggio?. In: _____. *Il linguaggio come pratica sociale*. Trad. Rita Bruzzese, a cura di Augusto Ponzio. Bari: Dedalo, 1980, p.61-94.

_____. La costruzione dell'enunciazione. In: _____. *Il linguaggio come pratica sociale*. Trad. Rita Bruzzese, a cura di Augusto Ponzio. Bari: Dedalo, 1980, p.95-134.

_____. La parola e la sua funzione sociale. In: _____. *Il linguaggio come pratica sociale*. Trad. Rita Bruzzese, a cura di Augusto Ponzio. Bari: Dedalo, 1980, p.135-164.

VOLOŠINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. Translated by Ladislav Matejka and I. R. Titunik. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986.

_____. What is language? In: SHUKMAN, Ann (ed.). *Bakhtin School Papers. Russian Poetics Translation*, Vol. 10. Trad. Noel Owen. Somerton: Old School House, 1983, pp.93-113.

_____. The Construction of the Utterance. In: SHUKMAN, Ann (ed.). *Bakhtin School papers. Russian Poetics Translation*, Vol. 10. Trad. Noel Owen. Somerton: Old School House, 1983, pp.114-138.

_____. The Word and its Social Function. In: SHUKMAN, Ann (ed.). *Bakhtin School papers. Russian Poetics Translation*, Vol. 10. Trad. Joe Andrew. Somerton: Old School House, 1983, pp.139-152.

VOLOCHÍNOV, V. N./ BAJTÍN, M. Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, Adriana y BLANCK, Guillermo (org.). *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p.217-243.

_____. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, Adriana y BLANCK, Guillermo. *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p.245-276.

VOLOCHÍNOV, V. N. /BAKHTINE, M. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine le principe dialogique*, suivi de Écrits du Cercle de Bakhtin. Paris: Du Seuil, 1981, p.287-315.

Recebido em 07/02/2017

Aprovado em 26/03/2017